



O MATERIALISMO HUMANISTA: A DISTOPIA DE ROBERT BENSON¹

LUIZ CARLOS MONTANS BRAGA²

As distopias estão na moda ao menos desde 1949, ano de publicação da mais famosa delas, *1984*, de George Orwell (ORWELL, 2009). Como um clássico, que não cessou de dizer o que tem a dizer, na lapidar síntese de Ítalo Calvino (CALVINO, 2009, p. 18), o romance de tese de Orwell levanta questões que, mesmo mais de setenta anos depois, mantêm enorme atualidade. Dão a pensar. Fazem pensar.

Winston Smith, o protagonista, personifica o indivíduo que perdeu sua subjetividade, seus afetos genuínos, sua vida, família, história. O *Big Brother*, que tudo vê, ouve, controla, representa o Estado-Partido que se capilariza no mais íntimo da vida dos indivíduos, dos “cidadãos”. As aspas são propositais. Na verdade, sequer cidadãos há. O que existe é uma massa amorfa de indivíduos movimentados como marionetes pelo Grande Irmão.

No romance, o governo da Oceânia é administrado por quatro Ministérios, cada um com um nome irônico que é o oposto exato de suas verdadeiras funções. Da paz, responsável pela guerra, que nunca finda. Ministério da verdade (Miniver), responsável pela manipulação da informação e sua publicidade, reescrevendo constantemente os registros históricos para os adequar à narrativa do Partido, além de controlar os meios de comunicação – literatura, filmes, música – e a linguagem, a novílingua. O ministério do amor é o responsável pela segurança interna e repressão política. É onde ocorrem os interrogatórios e lavagens cerebrais, como os sofridos por Winston Smith. O da fartura administra a economia e o racionamento de bens. Mantém a população em estado de escassez permanente, mas sempre anuncia estatísticas belíssimas de crescimento econômico. A ironia nos nomes dos ministérios reflete o duplipensar, conceito central da obra, significando que a verdade é travestida de várias camadas, tornando-se opaca. Ao fim, há, em lugar da verdade, as narrativas que servem aos interesses do Grande Irmão.

¹ Resenha do livro BENSON, Robert Hugh. *O Senhor do Mundo*. Campinas: Ed. Sétimo Selo, 2021.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: montansbraga@hotmail.com.

Eis, em uma frase síntese pinçada do romance, a tese da distopia proposta por Orwell: “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado” (ORWELL, 2009, p. 47, p. 291). A teia do poder fabrica a narrativa sobre o passado porque controla o presente. E porque domina a narrativa acerca do passado, forja o futuro. Qualquer semelhança com tempos atuais não é mera coincidência, mas mérito da sensibilidade certa do autor, que captou os ventos que ainda direcionam a biruta da história.

Uma ironia, que se soma à tese do romance, é a de que o Estado atual, como afirma a incontornável jornalista Paula Schmitt, é, muitas vezes, uma espécie de atravessador do grande capital (SCHMITT, 2022). O controle sobre a vida dos indivíduos é, no fim das contas, a engenharia social dos donos do mundo, que têm seus títeres postos em cargos-chave. Cristina Martín Jiménez também tem belos ensaios sobre o tema (JIMÉNEZ, 2020; MONTANS BRAGA, 2023).

O que poucos sabem, entretanto, no rol das distopias – indico o pequeno grande livro de Paulo Briguet, *O mínimo sobre distopias* (2023), que me fez enxergar para além de Orwell e Huxley de *Admirável Mundo Novo* –, é que o pai de todas elas tem como autor um padre católico, se intitula *O Senhor do Mundo*, foi escrita em 1906 e publicada em 1907. É tão assustadora quanto as de Orwell e Huxley, mas difere no tom e na profundidade sobrenatural dos temas e teses.

O Senhor do Mundo, a distopia do padre Robert Hugh Benson, católico convertido, antes pastor anglicano, é um soco no estômago de quem vive no conturbado século 21 (BENSON, 2021). Quem lê a obra, sem saber que foi publicada em 1907, pensa se tratar de um romance escrito há pouco, tamanha a similitude com questões e fatos recentes. O principal fio da obra é a vinda de Julian Felsenburgh, personificação do anticristo, homem sedutor, intelectualmente brilhante, dono de um carisma inigualável, com carreira meteórica e inteligência política única. De fato, estabelece a paz mundial e, vindo da América, se torna presidente da Europa. A inspiração de Robert Benson é o livro do Apocalipse de São João. Porém, para além da trama em crescendo que vai mostrando o surgimento e a predominância de Felsenburgh, o anticristo, no mundo, há uma espécie de tese de fundo que é condição *sine qua non* à vitória – mundana – de Julian.

É justamente nesse ponto do romance que surgem as maiores semelhanças com o mundo atual.

No Prólogo do livro, três figuras dialogam. O senhor Templeton, um velho político, idoso com mais de 90 anos, o padre Percy Franklin, com menos de 35 anos e o padre Francis,

cuja idade não é revelada, mas que, pelo contexto, deve ser próxima à do padre Franklin. O Prólogo dá o tom desse pano de fundo do romance, é uma espécie de mapa conceitual em forma de diálogo, pois mostra como o materialismo e o culto ao homem, o novo Deus, levam à ascensão de Julian Felsenburgh, figura que enfeixa esses valores e que é considerado um messias de um mundo laico. Esse o paradoxo. Um mundo que expulsa o sobrenatural, que persegue a Igreja Católica até o limite, sempre em nome da paz, introduz na política uma figura que é precisamente a satisfação do desejo daquilo que foi soterrado em um mundo laico e materialista, o sobrenatural, e que cultua o homem como um Deus. Trata-se do sobrenatural rebaixado ao mundo e antropomorfizado. E, corolário, uma vez Felsenburgh nomeado “O Senhor do Mundo”, presidente da Europa, responsável pela paz global, aclamado pelas nações, o já apóstata padre Francis terá um papel fundamental na criação e execução do rito estatal, obrigatório a todos os cidadãos, sob pena de prisão, para a necessária e pedagógica “conversão” por lavagem cerebral.

Na conversa entre os três personagens, no Prólogo-mapa (destaco que os padres Percy Franklin e Francis terão papel central na parte futura da trama), alguns pontos-chave da tese do romance são revelados pelas palavras do Senhor Templeton. Ele afirma:

Tinha havido socialistas antes, mas nenhum como o Gustav Hervé da velhice, [...]. Ele [...] pregava o absoluto materialismo e o absoluto socialismo levados ao seu máximo desenvolvimento lógico. O patriotismo [...] era um vestígio da barbárie passada e o prazer sexual era o único bem seguro. Evidentemente, todos riram dele. Diziam que sem religião não poderia haver motivo algum para as massas manterem a mais simples ordem social. Mas ao que parece isso estava certo. Depois da queda da Igreja Francesa no começo do século e dos massacres de 1914, a burguesia parou para refletir e se organizar, e esse movimento extraordinário começou a sério, impulsionado pelas classes médias, sem patriotismo nem distinção de classe, praticamente sem exército. Óbvio, a maçonaria dirigia tudo isso. (BENSON, 2021, p. 10-11)

A seguir, no mesmo diálogo, o Senhor Templeton complementa:

De forma breve [...] há três forças - catolicismo, humanitarismo e as religiões orientais. Sobre estas últimas não posso prever, embora ache que os sufis sairão vitoriosos. Tudo pode acontecer; o esoterismo está fazendo estragos enormes - e isso quer dizer panteísmo [...] E acredito eu [...] que, humanamente falando, o catolicismo agora irá decair rapidamente. [...] mas, por outro lado, você deve lembrar que o humanitarismo, ao contrário das previsões de todos, está se tornando uma verdadeira religião, ainda que anti-sobrenatural. Ele é panteísmo; está desenvolvendo um ritual com a Maçonaria; tem um credo, "Deus é Homem", e assim por diante. [...] Então houve o enorme desenvolvimento da psicologia - tudo claramente contra nós por pelo menos um século. Primeiro, veja só, houve o materialismo, aquele puro e simples que meio que falhou (era rude demais), até que a psicologia veio a resgatá-lo. Agora a psicologia reivindica todo o resto do terreno, e o senso do sobrenatural parece estar incluído aí. Essa é a reivindicação. Não, padre, nós estamos perdendo, devemos continuar perdendo e creio que devemos estar até preparados para uma catástrofe a qualquer momento. (BENSON, 2021, p. 16-17)

Paro por aqui para evitar *spoiler*. O fato, pouco conhecido, já indicado, é que o romance de Robert Benson é o pai das distopias. Insisto: incrivelmente atual, mesmo tendo sido publicado em 1907, provoca reflexões muito agudas acerca das consequências dos materialismos de variada estirpe e do antropocentrismo radicalizado que, paradoxalmente, retira o homem do verdadeiro centro. Talvez não seja casual, mas precisamente decorrência do que constata Benson, a vitória do materialismo e da religião do homem. Religião do homem, é bom registrar, parte do título do livro do padre Álvaro Calderón, *Prometeu, a Religião do Homem*, no qual o ensaísta esmiúça o Concílio Vaticano II e suas consequências (CALDERÓN, 2023). Talvez também não seja casual, mas exatamente decorrência do materialismo ateu constatado por Benson, que Huxley e seu *Admirável Mundo Novo*, bem como Orwell e seu *1984*, tenham sido as distopias mais celebradas, as quais, ironicamente, “assassinaram” o pai, ou seja, fizeram-lhe sombra suficiente para o tornar quase invisível. De fato, as lentes materialistas, como antolhos em cavalos, não permitem ao homem enxergar o sobrenatural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENSON, Robert Hugh. *O Senhor do Mundo*. Campinas: Ed. Sétimo Selo, 2021.
- BRIGUET, Paulo. *O mínimo sobre distopias*. Campinas: CEDET, 2023.
- CALDERÓN, Álvaro Martín. *Prometeu, a religião do homem: ensaio de uma hermenêutica do Concílio Vaticano II*. Santa Maria: Castela editorial, 2023.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Ed. Globo, 2014.
- JIMÉNEZ, Cristina Martín. *Os donos do mundo*. Campinas: Vide Editorial, 2020.
- MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Geopolítica como filosofia política radical: o Clube Bilderberg e as teias ocultas do poder. In: *Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/geopolitica-filosofia-politica-clube-bilderberg-aquecimento-global>. Acesso: 27 FEV 2025 [2023].
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SCHMITT, Paula. O sociocapitalismo e a galinha dos ovos de aids. In: *PODER360*. Disponível em <https://www.poder360.com.br/opiniaio/o-sociocapitalismo-e-a-galinha-dos-ovos-de-aids>. Acesso: 27 FEV 2025 [2022].